



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O MOSQUITO TROMBETEIRO

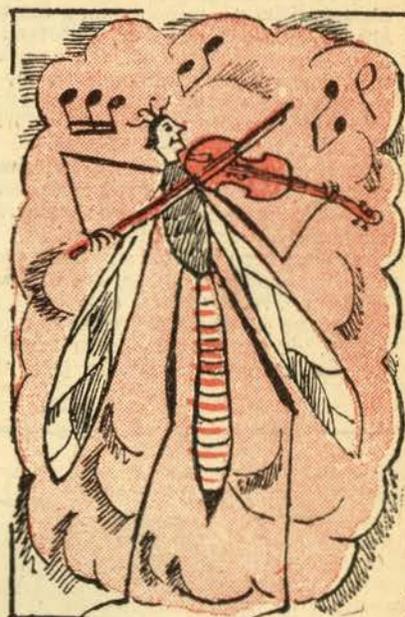
■ Por LAURA CHAVES ■

FOI assim como lhes conto
ou como lhes vou contar:
Havia um mosquito tonto
que só vivia a cantar
e por no mal não pôr ponto,
deu-se um caso de pasmar:

Sua mãe, dona mosquita,
dizia-lhe; — Mas que seca!
Se não cessas essa grita,
um dia leva-te a breca!
Ai, que cantiga maldita!
Ai, que maldita rebeca!

— A senhora minha mãe
— (respondia, abespinhado,) —
rebeca toca também,
se o meu som é mais trinado
com isso não tem ninguém.
(Mas que grande malcriado!)

Volvia-lhe sua avó,
mosquitona respeitável:
— E's mais moedor que a mó!
E's mesmo um indesejável!
Ou calas o «sol-e-dó»
ou tens morte miserável!



Mas éle, sem dar ouvidos
a conselhos tão prudentes,
continuava os zumbidos,
tão finos e tão estridentes,
que já eram conhecidos
entre os bichos e entre as gentes.

O mosquito, certo dia,
a família abandonou.
Entrou numa moradia
e num quarto se alojou.
Sem deixar a cantoria
uma vítima buscou.

Lá estava ela na cama...
Vai o mosquito, zumbindo,
pousou na testa da dama
que repousava, dormindo.
Aqui começou o drama,
surda, a tragédia surgindo.

O parvo, em vez de ferrar,
morder «à chucha calada»,
desatou logo a cantar



HISTÓRIA DUM GATO CÉLEBRE

Por POMPEU F. de CASTRO

DEDICADO AOS CONCORRENTES DO CONCURSO EPISTOLAR DE 1934

ERAM uma vez dois irmãos, que ficaram no mundo órfãos de pai e mãe. Só tiveram por herança, além dum buraco de casas, em que se recolhiam, de noite, por causa dos lobos, e de dia, por motivo das chuvas, mais um gato e uma peneira. Esta coube, em partilhas, ao mais velho, que tinha o direito de escolher. Ao mais novo coube, portanto, o gato.

A peneira andava de casa em casa, ao serviço das vizinhas do dono que reconheciam a sua utilidade para amassar a borôa, com que se alimentavam. Como recompensa, o dono da peneira recebia, todas as vezes que a emprestava, um pedaço de borôa quente, que ele fraternalmente repartia com o irmão mais novo. As migalhas que caíam, eram sofregamente aproveitadas pelo inseparável companheiro do infortúnio — o bichano.

Iam as coisas neste pé, quando, um belo dia, o gato se dirigiu ao amo e lhe falou deste modo:

— «Ora, senhor, meu amo: estou resolvido a ir conhecer terras à procura de fortuna».

O dono ficou deveras espantado com a exclamação do bicho, pois julgava, até aí, que apenas a *fala fôra dada ao homem, rei dos outros animais*. E, se fôsse pessoa que acreditasse em almas, separadas dos corpos, vagueando no espaço, ou em bruxas que se transformassem em formigas e entrassem, alta noite, pelas frinchas das portas,



a cantiga detestada,
já se vinha a aproximar
a punição agoirada.

Chiando, ferrou. Lá está.
A senhora acorda e então
grande palmada lhe dá
dizendo: — Que rabeção
Inda a picada, vá lá!
Mas a sanfona é que não!

Tal bordoada levou,
o golpe foi tão certo
que num pronto êle esticou,
não se ouviu mais seu berreiro
e foi assim que acabou
o mosquito trombeteiro.

Se o mosquitinho reimoso
desse ouvidos aos conselhos
que por ser muito teimoso
lhe deram novos e velhos,
não o levava o «tinhoso» (*)
por môr dos seus destrambelhos.

Teve esta história por fim
mostrar que é feio delito
teimar, Feio e até ruim
como aqui fica descrito.
Ninguém queira ser assim.
Pensem sempre no mosquito!

Demônio.

poderia ter morrido de susto. Mas como não acreditava em tais coisas, respondeu ao gato nestes termos:

— «Para onde é que tu queres ir, meu pobre amigo, sem mim, que não te posso acompanhar nem defender?»

O gato insistiu: — Não importa, meu dono, irei só, à procura de fortuna para nós ambos. Arranje o meu amo um chapéu, para a minha cabeça; umas cuécas, umas botas e um pau, que eu parto, irrevogavelmente, daqui a três dias.»

Não havia tempo a perder. O dono do bicho não teve outro remédio senão procurar o vestuário escolhido, sendo as botas as peças mais custosas de encontrar, e, por isso, tiveram de ser feitas por medida, por um hábil mestre de tripeça, da localidade.

Ao fim de três dias, o gato partia para terras desconhecidas, tendo-se, antecipadamente, despedido dos amos com muitos abraços, que ele dava cauteolmente com as unhas encolhidas.

Depois da partida, o dono ficou em sérios cuidados; e, passados 15 sóis, já chorava de saúde e remorso por ter consentido na partida, para parte incerta, do seu fiel amigo (não confundir com o bacalhau).

Eis senão quando, o bicho deu entrada solene em casa de seus amos, com um bando de patos, que ele encontrou a nadar, num lago, a algumas léguas de distância. O gato manejava o pau, dum lado e do outro, conseguiu juntar os patos e encaminhá-los, de noite, para casa dos seus amos. Desta forma, o bicho foi recebido com visíveis provas de afecto e satisfação, e imediatamente um pato foi sacrificado para festejar o regresso ao lar.

Os dias passaram e os patos foram desaparecendo por guélas desejosas...

Mas eis que o gato, novamente, deitou fala:

— «Senhor, meu amo, volto à procura da sorte.»

Desta vez, o dono, mais confiado na esperteza do gato, apenas lhe disse: — «Pois vai e que a sorte te auxilie.»

Passados 8 dias, o gato voltava radiante, o suor a correr-lhe em bica, pelas barbas, com uma vara de porcos, que ele encontrou debaixo dum carvalheiro, a comer bolotas e que ele juntou, com o auxílio do pau e fez seguir em direcção a casa dos patrões. Houve logo matança do suíno mais gordo; e, os outros, venderam-nos e o produto empregaram-no em fatos, roupas de cama, louças, etc.

As coisas corriam magnificamente. Mas como não há bem que sempre dure, acabou-se a fartura e outra vez os dois irmãos ficaram na penúria. E o gato, novamente, falou e falou como um herói: — «Agora vou; e ou hei-de trazer coisa que chegue para toda a vida, ou não voltarei jamais.»

Os donos (um era-o por afinidade) ficaram perplexos com a decisão do gato. Este despediu-se com ternura e andou, andou... até que anoiteceu. Como bicho avisado, que era, trepou para cima duma velha árvore, para evitar que o devorassem quaisquer animais ferozes. Altas horas da noite, ouviu, a pequena distância, um homem que dizia: «Abre-te porta cilíndrica! Abre-te porta cilíndrica!



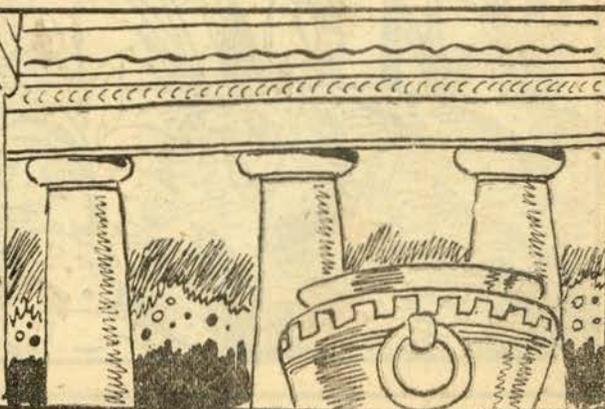
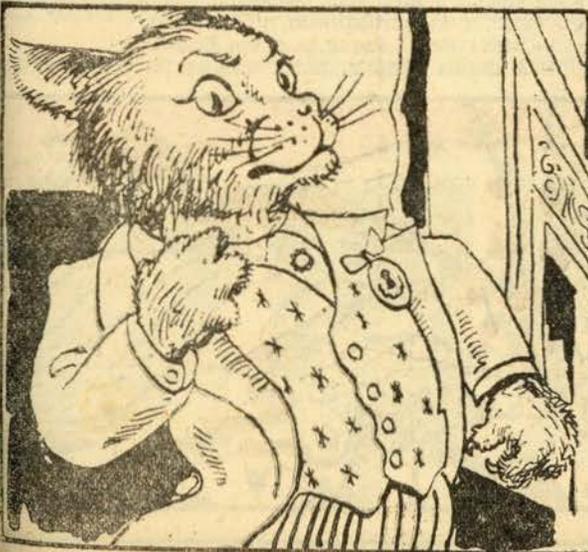
Abre-te porta cilíndrica!» (3 vezes). E a porta, que tinha a configuração dum cilindro das estradas, rodou para o lado, apareceu uma fenda e o homem penetrou no subterrâneo. Então, o gato, que já tinha visto tudo, desceu subtilmente da árvore e, com pés de lã, aproximou-se da porta cilíndrica e penetrou no sub-solo, onde os seus olhos próprios para ver na escuridão, logo descobriram uma rica sala, com muitos espelhos e quadros de valor, candieiros de cristal, ricas almofadas, objectos de prata e ouro, muitas libras e quantidade de notas verdadeiras do Banco de Portugal. O gato meteu-se num canto e ia espreitando tudo o que o homem fazia. Este munuiu-se de várias pistolas e punhais, porque era um autêntico ladrão, e saiu, precipitadamente, para ir ter com os companheiros do crime, que o esperavam numa encruzilhada de caminhos.

Quando o gato se viu só, encheu o chapéu de notas, das maiores que encontrou, supondo, na sua esperteza de gato, que o maior é o mais valioso. E uma bolsa, que estava pendurada num cabide de ouro, encheu-a de libras, que ele reconheceu, não só por serem da cor do sol ao meio dia, mas por terem cavalinhos também. E, com o auxílio do pau, pô-la às costas e saiu sem dificuldades, porque o ladrão, com a precipitação da saída, esqueceu-se de mandar fechar a porta, pelo mesmo processo que a tinha mandado abrir.

O gato, mesmo de noite, pôs-se a caminho, pois não havia tempo a perder; e, ao romper da manhã, estava em casa de seus patrões, com uma grande riqueza e sem cometer grande pecado, porque lá diz o ditado: *ladrão, que rouba a ladrão, tem cem anos de perdão.*

Por conselho de vários amigos (os ricos têm sempre muitos amigos...) os dois irmãos mandaram cumhar uma medalha de ouro, com os seguintes dizeres:

(Continua na página 7)



O GRÃOZINHO DE CENTEIO

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTANÊ

TENHO contado aos meus queridos leitoresinhos, histórias de meninos, de bichinhos, de árvores, de flores, não sei mesmo se de cousas, mas, francamente, nunca me passaria pela cabeça, contar-lhes a história dum grãozinho de centeio, se não fosse o próprio grãozinho que ma tivesse pedido.

E confesso que, depois de o ouvir, interessei-me tanto pela narrativa, que não tive dúvidas de que o mesmo sucederia a vocês.

— Tratei, pois, de meter mãos à obra, que quer dizer, de passar para o *Pim-Pam-Pum*, as palavras do original grãozinho. E ei-las aqui:

— Começo por lhe dizer, senhor Anão, que enquanto, cá por cima, o vento agreste do inverno arripiava as árvores, eu dormia, muito sossegadinho, no fundo da terra.

Dormia, dormia, dormia...

Eis senão quando, uma manhãzinha, acordei de repente, já quando o sol da primavera derretia, na terra, a geada que a cobria.

Senti, então, um apetite novo e estranho de me agitar, de me puxar para o alto... para onde, nem eu mesmo percebia!

Era como se uma voz imperiosa me chamasse, voz a que não podia resistir!

Dispuz-me a obedecer e notei que, no meu corpinho, surdia um rebento verde, muito delgadinho, mas que abria caminho através da terra.

— Esta agora! — exclamou uma lagarta que estava, confortavelmente, enroscada, ao pé de mim. Para onde vais, com essa pressa? —

— Lá para cima, a furar a terra. Estão-me chamando e eu quero lá ir. — respondi muito pronto.

— Pois olha! Se eu estivesse no teu caso não me incomodava! — redarguiu o bicharóco, — Está-se tão bem cá por baixo! Quanto mais se puxa para cima, mais desamparo e mais perigos! —

— Porquê? — perguntei admirado.

— Ora porquê! Vais deixar os amigos velhos, a terra macia e quentinha, onde dormias, para te espetares sôzinha, ao frio, no topo duma haste quebradiça, que há-de ser acoi-



tada pelo vento. E se os passarinhos não te pilharem, dá graças a Deus! Não percebo essa mania que vocês todos têm de pularem para a luz! —

Deve ser tão lindo! — murmurei.

— Eu cá por mim, nunca a vi e nem por isso tenho pior vida! Toma o meu conselho! Deixa-te estar, que estás bem! —olveu a lagarta, numa voz pachorrenta.

— O' senhor Anão, — disse o grãozinho — acredite que eu já estava meio tentado a seguir o que ela me aconselhava, mas, afinal, atirei para o alto o rebentinho verde, e exclamei: — Quero ir, por força! Eu posso lá estar sossegado! —

A terra foi-se abrindo para ajudar e as gotas de chuva que, lá em cima, chapinhavam, foram-se infiltrando, até que me chegavam.

Sorvi, com delícia, aquela humidade e tive um sobressalto de triunfo, ao perceber que o rebento ia crescendo, cada vez mais alto e forte.

— Muito bom é a gente crescer! ...

— Pois olha, aqui onde me vês, nunca cresci e não me acho por isso infeliz! interrompi eu, para o ouvir, já se vê!

— O' senhor Anão, eu não queria ofendê-lo! ... Um anão, é um anão, e quanto mais pequenino, mais engraçadinho! exclamou, muito atrapalhado, o Grãozinho.

— Bem! Bem! Segue lá a tua história. —

— A minha história, nessa ocasião, foi triste, porque





veio um tempo de seca. Os campos tinham sede, suspiravam por um chuvisco. Também eu me sentia enfraquecer e o meu rebentinho perdia a rigeza. Sem vigor, fiquei para ali, imóvel de fraqueza. — Bem te dizia eu! — Vê que asneira fizeste! Vais morrer no meio do caminho!... O melhor é deixares-te de crescer mais e ficares onde estás! —

— Isso é que nunca! — bradei eu, desatando outra vez a atirar-me, com desespero, para cima. Até já tinha o rebentinho muito dorido porque esbarrara com um seixo duro! Mas sem desistir, pensei:

— Em vindo a chuva, experimento outra vez! Até lá, é ter paciência! —

Por fim, a chuva chegou, as suas gótas bemfazejas, entrando na terra, banharam-me todo, pelas raízes ressequidas, bebi, bebi, que foi uma delícia!

— Agora sim, hei-de vencer! — disse, resolutamente. O seixo importuno deslocou-se. O rebento cresceu até deitar uma folhinha tenra, mas vigorosa.

Nos começos de Abril deu-se um caso maravilhoso!

O último torrão de terra cedeu e a minha tenra folhinha surgiu à luz, arquejando de alvoroço!

Estremeci de comoção, na haste franzina.

— O que vem a ser aquela cousa deslumbrante, — balbuciei, olhando o céu claro.

— E' o sol! — respondeu-me um pé de centeio, já velho e experiente, perto de mim, com uma voz carinhosa de avô. — Graças a Deus, que chegaste cá cima! E's um valente! Com a maldita seca, é difícil vencer! Deste-me bastante cuidado! — Com a minha folhinha a termer retorqui:

— Agora já sei de quem era a voz! Era o sol que me chamava! Que prodígio é isto de crescer!...

— Se é! — tornou o centeio velho. — Pois agora, vais crescendo, crescendo, sempre para o alto, sem parar um instante. —

E, na verdade, — exclamei eu, — estás muito alto já!... Mas vê-se que és novinho!...

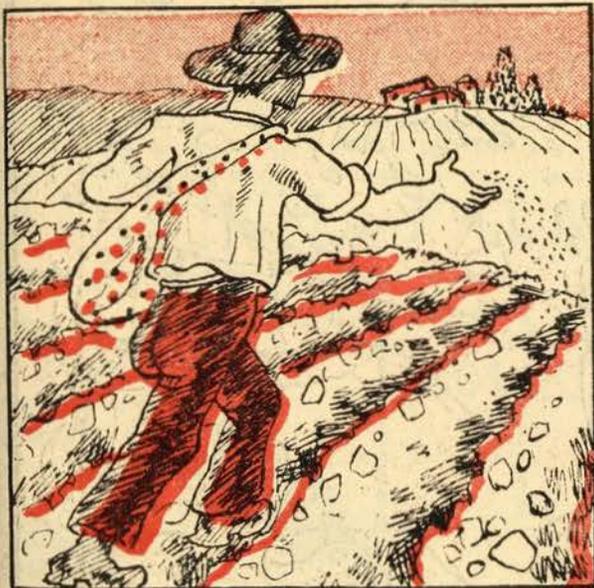
— Qualquer dia, senhor Anão, estou grande, rijo, coroadado de raios de ouro, pronto para servir aos homens... —

Muito satisfeito, o grãozinho rematou:

— Ainda bem que obedeci àquela voz! Muito bom é crescer! —

— Lá vens outra vez com a mesma piada! — redarguiu zombeteiro.

E, enquanto o grãozinho tornava a desfazer-se em desculpas, eu afastava-me, bem contente por ter uma história, tão cheia de interesse, para contar aos meus queridos amiguinhos.



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

SECCÃO CULTURAL INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL

(CLASSIFICADOS EM CONCURSOS)



Maria da Conceição Saraiva Batarda



Maria Olga Antonieta C. Saraiva de Castro



Maria do Espírito Santo Alho

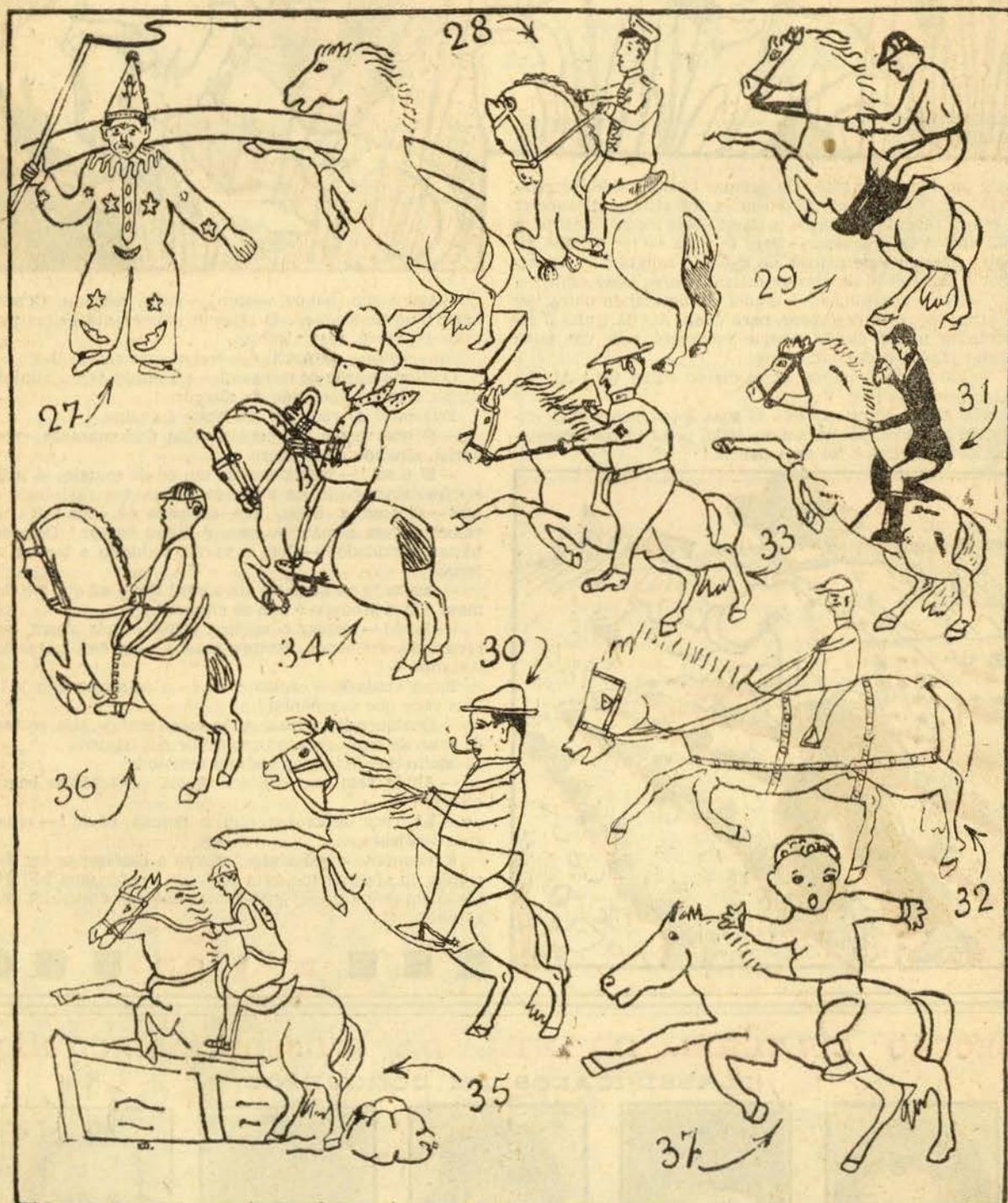


Arlindo Ruivo Henriques



Arminda dos Santos — concurso epistolar —

O NOSSO CONCURSO DE DESENHO



27 — por D. Rufa. — 28 — Antonio M. Casimiro. — 29 — Fernando Antunes. — 30 — José da Cruz. — 31 — Francisco M. Lopes. — 32 — Arlete de Matos Carvalhais. — 33 — Luiz Jorge da Silveira. — 34 — Jorge Guerreiro Aponio. — 35 — Guilherme Augusto Correia. — 36 — Americo da Silveira. — 37 — Celeste Morgado.

Devido ao grande sucesso do concurso, só no próximo número publicaremos o nome dos classificados e do 1.º premiado.

HISTÓRIA DUM GATO CÉLEBRE

(Continuado da página 3)

«Premiado por altos serviços prestados». E, em sessão solene, foi esta medalha colocada ao peito do gato, com a assistência do Regedor, do professor primário e do boticário, como as pessoas mais categorizadas da freguesia. Todos produziram discursos brilhantes.

O Regedor fez alusão aos deveres e direitos do cidadão, como base da ordem social; o professor enalteceu a instrução e educação populares, como alicerces da felicidade humana; o boticário foi o último a falar e a fechar a série de discursos com chave de ouro. Referiu-se à higiene, fonte principal da vida e da saúde. E teve esta tirada feliz, em favor da higiene: — «Mais vale burro vivo do que sábio morto». Todos os oradores foram muito ovacionados.

O gato, que tinha perdido o uso da fala, para ser simplesmente gato, limitou-se a fazer: *miau, minhau, nhau*, o que na sua linguagem queria dizer: *obras! obras! De palavrado estamos saturados.*

Por fim foi servido um Pôrto de honra, ao qual o gato se esquivou, porque os gatos, do Pôrto, só gostam de tripas. Houve mais discursos, a que o gato ia respondendo: *rom... rom...* o que significava: «bem vos entendo... essa verbosidade é emprestada pelo calor do álcool».

* * *

Consta que, em dias de festa aldeã, o gato passeava pelas ruas da freguesia, em posição vertical, garboso, ostentando ao peito a medalha luzidia e agitando uma bengala na sinistra, pois o bicho era canhoto. Coitado! Tinha esse pequeno defeito, o que não devem estranhar, pois não há formosa sem senão.

Consta ainda que os donos do gato viveram felizes durante muitos anos, na companhia do bicho esperto, que não precisou mais de caçar ratos, a não ser por distração e



para não perder o hábito da ginástica, conforme recomendara o boticário da terra.

Quando todos morreram, os seus restos foram recolhidos em piedoso mausoleu com este epitáfio:

«Para glória dos gatos e vergonha dos homens que não têm iniciativa, ou se deixam morrer de pasmo e de preguiça.»

❀ F I M ❀

ADIVINHA PALAVRAS CRUZADAS



SOLUÇÃO

DO

PROBLEMA

ANTERIOR

	M	a	r	i	a	
b		r	a	a		M
h	e		s		u	o
i	r	a		t	e	u
n	a		c		l	r
a		a	l	a		a
	a	r	e	i	a	

CHARADAS EM FRASE

Este utensilio e esta cama de jardim estavam atrás do muro. 1-2.

Aqui, esta ave é o enleio deste de-voto. 1-2.

Esta sopa e este brinquedo fazem esta comida. 2-2.

Esta comida e esta ave fazem a delícia daquele pássaro. 2-2.

Com esta pedra de moinho e esta insignificância, vive esta mulher. 1-2.

Debica nesta madeira esta ave. 2-2.

Meus meninos: Apresento-vos Estanislau, Barnabé e Malaquias

Mariquinhas e a nova Ortografia



Caro leitor: — a menina Mariquinhas Sousa Vale, a-pesar-de pequenina, já escreve menos mal.

O que ainda muito a embarça é a nova Ortografia, por isso, com certa graça, às vezes recorre à tia.

Diz-lhe em certa ocasião: — «Diga-me, ó tia Tãtã, ontem é com H?» — «Não; Hoje, sim; é com H.»



Indecisa, torna em breve, com a mão sôbre o papel: — «E amanhã? Também se escreve com um H ou sem êle?!»

Vendo a sua indecisão, responde o tia Tãtã: — «Amanhã, filhinha, não! Amanhã não tem H!»

Então, com si sudos ares, volve Mariquinhas: — «Bem!... Tem H nos dias pares mas nos ímpares não tem!»